



# EUCLIDES DA CUNHA - UMA VIDA NAS “JANELAS” DA REPÚBLICA

## EUCLIDES DA CUNHA - A LIFE IN THE “WINDOWS” OF THE REPUBLIC

 <https://doi.org/10.46401/ardh.2024.v16.21662>

Anna Paula Teixeira Daher\*<sup>1</sup>

Rede Pública Municipal de Goiânia

 <https://orcid.org/0000-0001-5333-7705>  
[aptd78@gmail.com](mailto:aptd78@gmail.com)

Recebido em 07 de abril 2024

Aprovado em 23 de maio de 2024

*Euclides da Cunha era uma celebração de rara força,  
servida por um coração vibrátil e fragilíssimo.  
(Jornal do Comércio (RJ) de 16 de agosto de 1909).*

Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha nasceu na Fazenda Saudade, Santa Rita do Rio Negro, distrito de Cantagalo-RJ<sup>2</sup>, no dia 20 de janeiro de 1866. Filho de Eudóxia Moreira da Cunha e do guarda-livros<sup>3</sup> Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha, órfão<sup>4</sup> de mãe aos três anos de idade, passou os primeiros anos de vida

---

1\* Doutora em História pela UFG. Membro do Grupo de Estudos de História e Imagem da UFG e da Rede de Pesquisa em História e Culturas no Mundo Contemporâneo da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professora da Rede Pública Municipal de Goiânia. E-mail: [aptd78@gmail.com](mailto:aptd78@gmail.com).

2 Desde 1943 o distrito leva o nome de Euclidelândia, em homenagem ao ilustre filho (DOLZAN, 2016).

3 Nas fazendas de café que então tomavam o Vale do Paraíba (ABREU, 1998).

4 O pesquisador Antenor da Silva Ferreira destaca que, dos aspectos na trajetória pessoal de Euclides, a orfandade é fator preponderante para o resultado de seu engajamento social e político. Segundo ele, tamanha perda foi de grande influência para a “personalidade quixotesca” de Cunha, com sua propensão a tomar a defesa dos oprimidos. (FERREIRA, 2019, p. 17).

sob os cuidados de parentes<sup>5</sup> e voltou ao Rio para estudar, em 1879<sup>6</sup>, e se tornar nome maiúsculo da cultura brasileira e do elenco de escritores do cânone<sup>7</sup> nacional.

Viveu brevemente e morreu assassinado aos 46 anos de idade, em 1909, quando confrontou Dilermando de Assis, o jovem amante da sua esposa, Ana, em um episódio que ficou conhecido como a *Tragédia da Piedade*, comoveu o país e, até hoje, o torna tão famoso quanto a sua maior obra, *Os Sertões*. A publicação desse livro, em 1902, o erigiu a um lugar especial na história intelectual do Brasil, tendo em vista que, naquele momento, os pensadores, escritores, e demais atores da República encontravam-se prontos para a crítica da sua formação e atuação – em Canudos<sup>8</sup> e de modo geral (GALVÃO, 2009a).

Walnice Nogueira Galvão, em texto que trata da *chef d'oeuvre* de Euclides, mas não foge da sua vida, anota um desvio: as décadas de reflexões sobre a obra arrebanharam grupos apaixonados e odiosos, e esses sentimentos facilmente se transmite ao próprio autor, e esses críticos cheios de sentimento muitas vezes se espantam com as ocorrências da vida dele. Mas, a pesquisadora também já se adianta, “não é que o que ocorreu com Euclides da Cunha tenha sido tão extraordinário. Nos quadros habituais da família patriarcal brasileira, os feitos são perfeitamente compreensíveis”, mas ela reconhece, e externa, “talvez se tornem chocantes quando se constata como, num autor de postura tão científica, a vida seja ao contrário tão pouco científica, sua ação pessoal seja tão irracional” (GALVÃO, 1981).

Quando Euclides, arma em punho, chegou à casa de Dilermando em busca de Ana – e dele, o fez em seu lugar de homem bom que reagia à má conduta da es-

---

5 A partir de 1869 em Petrópolis (RJ), com os tios maternos Rosinda e Urbano Gouveia e, com a morte de Rosinda em 1871, sob os cuidados dos tios maternos Laura e Cândido José de Magalhães Garcez em São Fidelis - RJ. Além disso, em 1877 passou um breve período com a avó paterna em Salvador - BA (VENTURA, 2003)

6 Nessa ocasião Euclides foi acolhido pelo tio paterno, Antônio Pimenta da Cunha.

7 O cânone literário é o conjunto de obras (e seus autores) que a sociedade e as instituições consideram perenes, geniais, seminais por comunicarem valores humanos essenciais, devendo ser estudadas e transmitidas de geração em geração.

8 A Guerra de Canudos, em resumo, foi um confronto entre o Exército e os participantes de um movimento popular de fundo religioso liderado por Antônio Conselheiro, ocorrido na comunidade que o exército brasileiro chamou de Canudos (mas que era conhecida como Arraial Belo Monte), no interior da Bahia, em 1897. Conselheiro chegou ao sertão baiano no final da década de 1870, mas não despertou maior preocupação no Império, que entendia ser aquele um problema local. Mas a nascente República via a atuação messiânica do Conselheiro de modo diferente, como uma ameaça à ordem. (JUNQUEIRA, s/d, s/p).

posa, e para isso não deveria haver punição. Mas o escritor pagou com sua vida. Dilermando infringira todo tipo de expectativa ao se relacionar com uma mulher casada, e Euclides tinha o direito moral (segundo se entendia na ocasião) de cobrar a honra enxovalhada, Dilermando tinha o direito de se defender. Ao final, Euclides falhou e não sobreviveu.

Nos dias e anos que se sucederam à Tragédia da Piedade, inúmeras vezes se levantaram a favor de Euclides, construindo uma narrativa elogiosa, sempre ressaltando as qualidades do falecido, construindo a trajetória do herói e contribuindo para sua mitificação.

Essas circunstâncias pessoais muitas vezes tomarem frente a outros aspectos da vida de Euclides, e é também Walnice Galvão (1981) quem é cuidadosa em destacar que esse lado mais explícito da vida do escritor não deve fazer sombra ao seu papel de homem público. De fato, aos seus papéis de homem público, que foram muitos: como militar, como escritor/intelectual (e a partir daí como jornalista e atuante defensor da implantação da República) e também como engenheiro, profissão instrumental no desenvolvimento do Brasil de então.

De fato, é na caserna, como aluno da Escola Militar da Praia Vermelha<sup>9</sup>, que Euclides aprende a pensar o mundo, e, enquanto autor, constrói sua carreira de escritor sempre analisando e argumentando acerca da República, pedra de toque em sua obra, seja nos livros que escreve (aspectos da República são analisados não só em *Os Sertões*, mas também em *Contrastes e confrontos*, inicialmente publicado em 1907, e em *À margem da história*, que é de 1909, por exemplo), seja na sua atuação como repórter.

Mas Euclides era engenheiro porque um dia foi militar. Ser militar abarcava ser engenheiro, cartógrafo, ser uma frente ativa no papel de civilizar o vasto interior, trazendo a moralidade e a organização social, além de garantir, ao mesmo tempo, a paz necessária para o bom crescimento da nação. E isso tudo observando os princípios da honra e do pundonor<sup>10</sup>. A família de Ana era de militares,

---

9 A Escola Militar e de Aplicações da Praia Vermelha foi criada no Rio de Janeiro imperial de 1875, uma adição a até então única instituição de ensino superior do Exército, a Escola Central, que formava engenheiros civis e militares. “A geração da Escola Militar a que pertenceu Euclides é aquela que vai viver em cheio a renovação de todas as ideias. Religião católica, instituições monárquicas, escravidão, prestígio da grande propriedade rural, ecletismo filosófico e espiritualismo, romantismo artístico-literário, tudo isso será levado de roldão por “um bando de ideias novas”. (GALVÃO, 2010, p. 14)

10 Oliveira Viana é outro intelectual que reconhece a presença do espírito de classe e de honra entre os militares. Segundo ele, entre pares que demonstram “sensível espírito de corpo e um vivo pundonor profissional” (VIANA, 2010, p. 116).

seus amigos foram feitos principalmente nas fileiras da Escola Militar e todos eles estiveram envolvidos com o Exército ao longo daqueles primeiros anos da República. Dilermando de Assis também era militar.

José Murilo de Carvalho (2017) lembra que o exército fez frente a dois momentos fundamentais da vida de Cunha: o episódio da espada<sup>11</sup> na Escola Militar e a sua própria morte (pelas mãos de um oficial do Exército). Também é Carvalho (2017) a lembrar outra função muito importante da estrutura militar na vida de Euclides: incutir-lhe um senso de brasilidade – o que, ao final, foi fundamental para que ele escrevesse *Os Sertões* e passasse a ocupar os lugares que ocupou.

A instituição da República no Brasil tem um grande peso na vida de Euclides, em sua formação, em sua vida pessoal, em seu trabalho. Expulso da Praia Vermelha, Euclides parte então para São Paulo e é aí que começa a sua vida de jornalista e escritor junto ao jornal *A Província de São Paulo* a convite de Júlio de Mesquita<sup>12</sup>, onde estreia escrevendo artigos defendendo a República e criticando a Monarquia e a Família Real brasileira. Retorna ao Rio de Janeiro no ano de 1889 e, sem deixar de atuar na imprensa, com a chegada da República, é reintegrado ao Exército – e à Praia Vermelha.

Desde os seus anos de Escola Militar, que moldariam a maneira como ele via o mundo, até as novas lentes com as quais ele passa a ver a República e o país a partir da forma como o Brasil foi governado nos primeiros anos do novo regime – o que fez com que ele mudasse sua opinião<sup>13</sup> sobre o que acontecia em Canudos e

---

11 é favorita entre seus biógrafos e estudiosos a passagem de sua expulsão da Escola Militar da Praia Vermelha, no ano de 1886, onde o então cadete Euclides joga sua espada aos pés do ministro da guerra do Imperador D. Pedro II. Sobre o ocorrido, Bernucci (2009) afirma haver duas versões sobre o ocorrido. Na primeira delas, alega que o comportamento de Euclides se deu em razão de uma manifestação acerca da falta de promoção para alferes-alunos, conforme prescrevia a lei. A segunda versão atribui o protesto de Euclides a mudança do dia da visita do Ministro da Guerra do Império, Thomaz Coelho, impedindo que os alunos assistissem ao desembarque do republicano Lopes Trovão, que voltava da Europa. Esta segunda versão é a comumente aceita e analisada por pesquisadores como Ventura e Galvão, e relatada em biografias como a de Pontes (1938), e é peça importante para a construção da figura pública de Euclides.

12 Filho de portugueses, passa parte da infância no país europeu, onde inicia seus estudos. Contudo, bacharel-se em Direito no Brasil. Pouco milita na área, dedica-se ao jornalismo e à política ao longo de sua vida adulta, crescendo com o regime republicano brasileiro, o qual apoia. Trabalha no jornal *Província de São Paulo* alguns anos até tornar-se sócio da empresa e, então, proprietário do jornal que viria a se chamar *O Estado de São Paulo*. O convite para Cunha cobrir a Guerra de Canudos é benéfico ao jornal de Mesquita, que vê a tiragem do periódico saltar para 18 mil exemplares diários, em razão do interesse do público pelo conflito. (De acordo com informações constantes de <http://cpdoc.fgv.br>. Acesso em 24 mar 2020).

13 Euclides chamou *Os Sertões* de livro vingador justamente porque apontou os erros do governo. Em carta a Francisco Escobar, discorreu, “alenta-me a antiga convicção de que o futuro o lerá. Nem outra coisa quero. Serei um vingador e terei desempenhado um grande papel na vida – o de advogado dos pobres sertanejos assassinados por uma sociedade pulha, covarde e sanguinária” (GALVÃO E GALOTTI, 1997, p. 133).

colocasse isso em texto, primeiro como repórter do jornal *O Estado de São Paulo*, e depois em *Os Sertões*.

Cunha deixou logo a vida militar, mas o fato é que o exército esteve sempre, de alguma forma, envolvido nos grandes momentos e nas grandes decisões da vida de Euclides, esse homem “fora do lugar” (CARVALHO, 2009), militar sem disciplina e sem interesse na guerra, um engenheiro preso a um mundo que não lhe despertava maior ânimo e tampouco auxiliava sua criatividade, um homem da cidade<sup>14</sup> que sonhava com a natureza em seus extremos - o sertão e a floresta (DAHER, 2022). No entanto, dedicou-se a engenharia, trabalhou como funcionário público, nunca pôde se dedicar somente à escrita, apesar do seu sucesso nesta seara, notadamente em *Os Sertões*<sup>15</sup>.

Florestan Fernandes (1997, p. 35) a nominou como obra que “possui valor de verdadeiro marco” por dividir o “desenvolvimento teórico-social da sociologia no Brasil”. Antônio Cândido (2000, p. 122) também cimentou o lugar de Euclides no Olimpo da *intelligentsia*<sup>16</sup> nacional ao apontar que “*Os Sertões* assinalam um fim e um começo: o fim do imperialismo literário, o começo da análise científica aplicada aos aspectos mais importantes da sociedade brasileira”. Cumpre aqui destacar o que esses intelectuais professam competências específicas e, por terem uma socialização comum estabelecem mais facilmente laços de afinidade entre si, entre os membros desta *intelligentsia*, o que os une, normalmente superando divergências e rivalidades existentes. Segundo Martins (1987), “esses laços comuns, esse sentimento de pertencer a um certo nós (*wefeeling*), se traduzem em símbolos próprios, numa linguagem e em hábitos mais ou menos

---

14 Euclides, por exemplo, era um crítico ácido dos melhoramentos aos quais a cidade do Rio de Janeiro foi submetida ao longo dos primeiros anos do séc. XX. Brito Broca fala desse incômodo: “o remodelamento do Rio, a mentalidade arrivista que daí surgia, tudo era de molde a irritá-lo. Não podia suportar aqueles arremedias de civilização européia. Em carta de 12 de fevereiro de 1908 a Francisco Escobar, convidando-o para uma visita ao Rio dizia: ‘Admirarás os célebres melhoramentos. Fulminaremos, juntos, o pioramento dos homens. Daremos pasto à nossa velha ironia ansiosa por enterrar-se nos cachacos gordos de alguns felizes malandros que andam por aí fimfonando desabaladamente, de automóvel, ameaçando atropelar-nos a nós outros, pobres altivos diabos que teimamos em andar nesta vida, dignamente, pelo nosso pé’”. (BRITO BROCA, 2005, p. 134).

15 A primeira edição se esgotou em cerca de dois meses. Walnice Galvão (2009b) argumenta que o livro, se lançado nos dias atuais, teria sido considerado um *best seller*.

16 O termo, de origem latina, foi famosamente empregado para determinar um grupo distinto de pessoas na Rússia da segunda metade do séc. XIX e que não se encaixavam nas distinções sociais então existentes. Desde então, por extensão, é geralmente utilizado para determinar um grupo de intelectuais de um país (KIMBALL, s/d), um grupo bem-educado da sociedade, que defende os interesses da pátria e do povo a partir da razão e do conhecimento (VIEIRA, 2008).

compartilhados, por intermédio dos quais os membros da intelligentsia se reconhecem e são reconhecidos enquanto tais”.

Ao longo do tempo a crítica se repete: Euclides era brilhante na forma e no estilo, rico na linguagem, e abordava tema histórico de relevância considerando as consequências dos atos do governo brasileiro nos habitantes dos sertões – que este mesmo governo parecia sempre ignorar (LIMA, 1997, p. 21). Mas a permanência de Euclides nesse Olimpo não se deu sem julgamento ao longo dos anos, é bom ressaltar.

O próprio Antônio Cândido (2000) nominou o texto de Cunha como de um barroquismo exagerado e de mau gosto. Mário de Andrade discordava da visão da obra que Cunha ganhou pelo público e grande parte da crítica ao atestar que “Euclides da Cunha transformou em brilho de frase sonora e imagens chiques o que é cegueira insuportável deste solão; transformou em heroísmo o que é miséria pura” (LIMA, 1997, p. 22). Sevcenko, por sua vez, via a questão por um ângulo diferente do de Mário de Andrade, ele refletiu sobre a posição de Euclides diante de diferentes correntes de pensamento que faziam parte de sua vida e formação: o idealismo romântico e o realismo científico: “sem ligar-se em particular a nenhuma dessas correntes (romantismo, realismo, parnasianismo), Euclides entreteceu-as todas, imprimindo-lhes a unidade de uma trama tensa a serviço de suas convicções filosóficas e científicas.” (SEVCENKO, 1983, p. 159).

Essa recepção da obra por nomes de peso para a compreensão (e construção) do lugar do intelectual no Brasil é arrematada pela afirmação de Regina Abreu (1998) quando refletiu que a obra de Euclides se tornou um símbolo nacional, por si só um lugar de memória, o mesmo efeito de um bem tombado pelo patrimônio histórico – um monumento.

Mas, também como a obra de Euclides vai além de *Os Sertões*, a sua contribuição para o pensamento brasileiro ultrapassa este marco<sup>17</sup>: Cunha em muito favoreceu a inserção da Amazônia na questão da formação nacional, e, mais

---

17 Note-se que Berthold Zilly, trabalhando *Os Sertões*, entende que a grande força e maior importância da obra está no fato de que Cunha constrói sua narrativa para interligar história natural e história social: “Euclides da Cunha narra uma espécie de gênese, a origem do *hinterland* e da sua população, mais ainda, as origens da terra e nação brasileiras. Estuda os traços distintivos, as deficiências e potenciais de desenvolvimento do sertão e de todo o Brasil, bem como a posição do país num mundo cada vez mais homogeneizado por aquilo que mais tarde se chamaria de globalização, e ao mesmo tempo profundamente cindido pelo darwinismo social, defendido e ao mesmo tempo criticado pelo próprio autor” (ZILLY, s/d).

que isso, inaugurou um novo modo de perceber a história da região, ao observar a vivência da população amazonense à margem a história (PINTO, 2012). Neste ponto, seja no Alto Purus, seja em Canudos, o que é importante destacar é como Euclides enxergava o fato de que a discussão da identidade e da nacionalidade no Brasil deveria passar pelas figuras tanto do sertanejo quanto do caboclo<sup>18</sup> (FERREIRA, 2019).

O período da vida adulta de Euclides é um período de intensa atividade intelectual/cultural no país, e os nomes envolvidos nessa dinâmica são também os envolvidos na organização política brasileira. No período entre o final do Império e a primeira metade do séc. XX, o que se vê são gerações de pensadores dedicados a diagnosticar o país e apresentar projetos aptos a alçar o Brasil ao seu lugar de país civilizado. Desde a chamada “geração de 1870”, que teve uma forte atuação nas discussões sobre a escravidão, a abolição, a República e a introdução de um “bando de novas ideias”, conforme se referia Silvio Romero, os intelectuais brasileiros acreditavam que a modernização, o progresso e a construção de uma nação civilizada não seriam possíveis sem a condução dos intelectuais e a intervenção direta da ciência e da técnica nesse processo. (SOUZA, 2018, p. 07).

Euclides e seus pares não se reconheciam apenas nas agremiações de intelectuais (o escritor foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB<sup>19</sup> e da Academia Brasileira de Letras – ABL<sup>20</sup>, por exemplo), eles se agrupavam no mundo da política e do trabalho, eles atuavam juntos, como engenheiros, médicos, professores, membros das forças armadas, advogados, jornalistas, funcionários públicos, muitas vezes perpetuando nas profissões escolhidas tradições de família<sup>21</sup>. Essas pessoas, geralmente educadas formalmente nos

---

18 Acerca das diferenças entre os termos “sertanejo” e “caboclo”, Silva é cristalino ao trazê-la, enquanto pondera sobre a definição de outro termo de múltiplas explicações, o “caipira”: “Estudos no campo acadêmico, como o

19 Euclides foi indicado como sócio correspondente do IHGB em 6 de março de 1903 - e alçado a sócio efetivo 3 anos depois, por proposta de Rocha Pombo, entre outros membros, que o consideravam “um observador erudito, um cientista aplicado e um historiador independente” (EUCLIDES DA CUNHA E O IHGB, s/d).

20 Euclides foi empossado em dezembro de 1906, na cadeira 7, cujo patrono é Castro Alves, sucedendo ao crítico literário Valentim Magalhães (1859-1903).

21 Seguir a profissão do pai era uma tradição das elites do início do século XX e mais uma forma de perpetuar seu poder (MICELI, 2001).

mesmos lugares, se agregavam para servir ao Estado – no caso, a República<sup>22</sup>.

Fazer parte de um grupo de homens pensantes a serviço de uma mesma causa foi um importante degrau na escada que Euclides galgou até alçar a condição de mito. Seus pares o reconheceram e o defenderam porque entre eles já estava determinado o valor das tradições culturais que eles protegiam em um contexto que eles também ajudavam a construir, em uma narrativa sobre a qual eles detinham o controle (informações, linguagem, vocabulário) e a partir das mesmas sensibilidades, das mesmas visões de mundo – ou pelo menos bastante aproximadas. (GOMES e HANSEN, 2016).

Euclides da Cunha não é o único autor brasileiro alçado ao Olimpo literário e com memória festejada. Há atuação similar dos admiradores de Guimarães Rosa. Machado de Assis e Monteiro Lobato, por exemplo. Walnice Nogueira Galvão<sup>23</sup>, grande estudiosa das obras de Cunha e Rosa, afirma, quanto à Rosa, que a canonização de sua obra “elevou o escritor a um patamar onde goza da companhia de poucos outros nomes” (GALVÃO, 2000, p. 70). Mas, como bem aponta Ventura (1993), Cunha é o único escritor a ter se tornado objeto de culto pessoal – cabe lembrar o lema do movimento euclidiano<sup>24</sup>, “por protesto e adoração”.

Hoje, é praticamente impossível separar o lugar ocupado por Euclides da Cunha do próprio movimento euclidiano. Como assevera Regina Abreu (1998) o papel desses euclidianistas após a morte do autor é fundamental para a manutenção da atualidade não só de *Os Sertões*, mas de todo o pensamento de Cunha.

---

22 Embora Euclides, ao longo dos anos, tenha ficado a cada dia mais desapontado com os rumos do Brasil República, “estou nessa reserva desde os vinte anos, quadra que me assaltou o pessimismo incurável com que vou atravessando esta existência no pior dos piores países possíveis e imagináveis.” (CUNHA, 1909 *apud* GALOTTI e GALVÃO, 1997, p. 423).

23 Galvão (1998) corrobora essa impressão ao ser indagada se as pessoas mitificam Euclides: sem dúvida. Isso aparece na atribuição de demasiadas virtudes a ele: patriota, honesto, decente, corajoso... todas as virtudes cívicas possíveis. No fim, vira um santo. Mas essa hagiologia reflete um ideal extremamente pequeno-burguês, eu acho. Sou grande admiradora de Rimbaud, que era uma praga, não tinha virtude alguma. Mas admiro tanto a vida quanto a obra. No caso de Euclides, sobressai a imagem de um cidadão extremamente correto.

24 **É em torno da memória desse homem (tido merecedor das honras dos amigos e dos lugares os quais ocupou nos espaços da intelectualidade) que se formam as bases do que hoje se chama de euclidianismo:** pelo respeito e pela admiração, mas também pela construção da narrativa que trouxesse ao público essa visão de Cunha, a visão de homem inteligente, do gênio da literatura que era bom amigo, bom pai, e que foi um marido traído que morreu defendendo a família e a honra: uma figura elevada (DAHER, 2022).

A passagem de Euclides pela ABL (e pela cena literária brasileira de seu tempo) foi breve, dada a sua morte repentina, e na ocasião, sucedeu-lhe na cadeira 7 o médico e escritor Júlio Afrânio Peixoto (1876-1947) que, além de seu amigo, coincidentemente foi o legista responsável pela sua necropsia. Ao falar, como manda a tradição<sup>329</sup>, de seu antecessor, Peixoto não economizou adjetivos. “[...] depois d’ *Os Sertões*, exerceu Euclides da Cunha engenharia e fez arte. Teve a celebridade. Se não se pejaram do crime que ele denunciou, regozijaram-se ao menos com a pompa esplendorosa do seu estilo. E glorificaram-no.” (PEIXOTO, 1911).

Ainda que o seu tempo de produção literária tenha sido curto, ele deixou uma produção que refletiu sua formação científica, “um homem de ciência, um geógrafo, um geólogo, um etnólogo, de um homem de pensamento, um filósofo, um sociólogo, um historiador e de um homem de sentimento, um poeta, um romancista” (SOUZA, 2010, p. 38), e a sua produção desperta interesse até hoje, existe uma significativa produção envolvendo a obra euclidiana, especialmente *Os Sertões*, um tributo ao lugar que o autor ocupa na memória historiográfica brasileira; além da grande quantidade de artigos e entrevistas, por exemplo.

Como lembra José Carlos Barreto Santana no prefácio da (inacabada) biografia de Euclides escrita por Roberto Ventura, Cunha é objeto de “uma fortuna crítica que não encontra paralelo na cultura brasileira, ultrapassando a dezena de milhar de livros, artigos, folhetos, teses” (VENTURA, 2003, p. 17).

Essa intelectualidade brasileira, que nos anos finais do séc. XIX e o início do séc. XX então se organizava, o fazia com a ideia de uma missão civilizatória, no papel de defensora dos interesses da sociedade, indo de encontro aos conceitos de intelectual desenvolvidos por Mannheim (o intelectual como mediador de conflitos sociais) e por Gramsci (o intelectual como organizador da cultura), como lembra Miceli (2001).

O percurso intelectual de Euclides da Cunha dialoga com essas premissas, se considerarmos que ele é alçado ao cânone por discutir Canudos (no papel de intelectual mediador de conflitos) e por jogar uma nova luz na forma como se discutia a identidade do país, olhando para os homens do sertão, ampliando a forma de ver a nação (no papel de organizador da cultura); ainda que pesquisadores como Martins (1987), que chama a literatura de Euclides de “vigorosa”, ressalvem que os protestos apresentados por ele e por outros escritores do quilate de Lima Barreto não se tornam projetos de transformação social, permanecendo no

campo da condenação moral. Ainda assim, eles ressoam, e o eco alcança longe porque as situações que eles discutiram no final do séc. XIX e nos primeiros anos do séc. XX perduram<sup>25</sup> e, enquanto perdurarem, Euclides da Cunha fará muito sentido.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Regina de. **O enigma de Os Sertões**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998

BERNUCCI, Leopoldo Marcos Garcia Lopes. **Os Sertões**: (campanha de Canudos). São Paulo: Ateliê Editorial, 4ª ed., 2009.

BROCA, Brito. **Vida Literária no Brasil – 1900**. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2005.

CÂNDIDO. Antônio, **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 8ª ed. São Paulo, 2000.

CARVALHO. José Murilo de, Euclides da Cunha e o Exército. In \_\_\_\_\_. **O pecado original da república**: debates, personagens e eventos para compreender o Brasil. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017, p. 110-126.

\_\_\_\_\_. Radicalismo e republicanismo. In \_\_\_\_\_ & NEVES, Lúcia M. B.(orgs). **Repensando o Brasil do Oitocentos**: Cidadania, política e liberdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

DAHER. Anna Paula Teixeira, **O abysmo das suspeitas**: as narrativas da Tragédia da Piedade (1909) e a construção do mito de Euclides da Cunha (1866-1909). 2022. 218 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História (FH), Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2022.

DOLZAN. Márcio, As cidades de Euclides. In **Euclides da Cunha 150 anos**: Especial O Estado de São Paulo. 2016. Disponível em <https://tinyurl.com/3cadx7uv>. Acesso em 20 jul 2019.

FERREIRA. Antenor da Silva, **Euclides da Cunha**: da terra seca à terra molhada. Curitiba: Appris, 2019.

GALVÃO. Walnice Nogueira, Os Sertões para estrangeiros. In **Gatos de outro saco**. Ensaios críticos. São Paulo, Brasiliense, 1981.

\_\_\_\_\_; GALOTTI, Oswaldo (Org.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo (SP):

---

25 Os Sertões tem que ser lido todos os dias, enquanto persistir a situação dos pobres brasileiros. Enquanto ocorrer o genocídio dos jovens negros nas favelas de São Paulo, a militarização das comunidades do Rio de Janeiro, enquanto acontecerem tragédias como as de Mariana e Brumadinho (NOGUEIRA *apud* OLIVEIRA, 2019).

Edusp, 1997.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Euclides da Cunha**: autos do processo sobre sua morte. São Paulo (SP): Editora Terceiro Nome, 2009a.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Euclidianos e Conselheiristas**: um quarteto de notáveis. São Paulo (SP): Editora Terceiro Nome, 2009b.

\_\_\_\_\_. **Euclides da Cunha. Militante da República**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010.

GOMES. Ângela de Castro e HANSEN, Patrícia Santos (Orgs), **Intelectuais mediadores. Práticas culturais e ação política**. (E-book). Rio de Janeiro (RJ): Civilização Brasileira, 2016.

JUNQUEIRA, Eduardo. **Guerra de Canudos**. s/d. Disponível em <https://tinyurl.com/2p82mzk9>. Acesso em 12 out 2023.

MARTINS, Luciano. A gênese de uma *intelligentsia* – os intelectuais e a política no Brasil, 1920 a 1940. In **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. V.2. N. .4. São Paul, jun. 1987. Disponível em <https://www.anpocs.com/index.php/publicacoes-sp-2056165036/rbcs/233-rbcs-04>. Acesso em 15 jun 2021.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

OLIVEIRA, Joana. 'Os Sertões' tem que ser lido todos os dias, enquanto persistir a situação dos pobres brasileiros. In **El País**. Cultura. 10 jul 2019. Disponível em [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/10/cultura/1562785827\\_446579.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/10/cultura/1562785827_446579.html). Acesso em 10 jan 2021.

PEIXOTO, Afrânio. **Discurso de Posse na Academia Brasileira de Letras**. 14 ago 1911. Disponível em <https://www.academia.org.br/academicos/afranio-peixoto/discurso-de-posse>. Acesso em 17 jan 2022.

PONTES, Eloy. **A vida dramática de Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**. São Paulo, Brasiliense, 1983.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Prefácio. In CARVALHO, Leonardo Dallacqua de; BARCHI, Felipe Yera (Orgs.). **Intelectuais e Nação: Leituras de Brasil na República**. Curitiba: Appris, 2018.

VENTURA. Roberto, **Euclides da Cunha. Esboço biográfico**. Organização Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Cia das Letras.2003.

\_\_\_\_\_. Euclides da Cunha e a República. In. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 10. Nº26. P. 275-291.1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/>. Acesso em: 03 set. 2019.

VIANA, Oliveira. **O ocaso do Império**. Brasília: Edições do Sendo Federal, 2010.

ZILLY, Berthold. **O livro da nação**: Os Sertões de Euclides da Cunha, um texto brasileiro fundamental e o lugar da memória no contexto nacional e transnacional. Projeto de Pesquisa. Instituto de Estudos Latino-Americanos, Freie Universität de Berlim. Disponível em: <https://tinyurl.com/2p9esj9j>. Acesso em: 13 set. 2021.